



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”
Departamento de Geografia

Linha de Pesquisa
Geografia Cultural

ALCICLEIDE DE OLIVEIRA ALVES

**UMA ANÁLISE SÓCIO-CULTURAL DA FEIRA LIVRE DE
GUARABIRA-PB**

Guarabira-PB
2011

ALCICLEIDE DE OLIVEIRA ALVES

**UMA ANÁLISE SÓCIO-CULTURAL DA FEIRA LIVRE DE
GUARABIRA-PB**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Geografia, sob orientação da Prof.^a Esp. Raquel Soares de Farias.

GUARABIRA-PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A474a

Alves, Alicicleide de Oliveira

Uma análise sócio-cultural da feira livre de Guarabira
– PB / Alicicleide de Oliveira Alves. – Guarabira: UEPB,
2011.

48f.: Il. Color.

Monografia - Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da
Paraíba.

“Orientação Prof. Esp. Raquel Soares de Farias”.

1. Feira Livre 2. Cultura Popular 3. Cantadores de
Viola I.Título.

22.ed. 306

ALCICLEIDE DE OLIVEIRA ALVES

**UMA ANÁLISE SÓCIO-CULTURAL DA FEIRA LIVRE DE
GUARABIRA-PB**

BANCA EXAMINADORA:

Raquel Soares de Farias

Prof^ª. Esp. Raquel Soares de Farias – Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Prof^ª. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar
Universidade Estadual da Paraíba

Sharlene da Silva Bernardino

Prof^ª. Esp. Sharlene da Silva Bernardino
EAD/Universidade Estadual da Paraíba

Aprovada em: 29 de 11 de 2011

Guarabira-PB
2011

Dedico este trabalho a Jean, Arley, Antônio, Marly, respectivamente esposo, filho, pai e mãe, pessoas importantes na minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser o mestre que conduz a minha vida, pois sem ele nada do que fiz teria sentido, por que foi que me deu o dom mais precioso a vida, que mesmo com dificuldade merece ser vivida com alegria.

Aos meus pais, Antônio Carlos e Marly de oliveira, que me educaram e ensinaram o valor da vida, e sempre me incentivaram a nunca desistir dos meus objetivos e ajudaram nesses quatros anos de universidade.

Aos meus dois irmãos Arioclécio e Alcicleb.

Em especial ao meu esposo Jean Marcos e meu filho Arlley de Oliveira, razão da minha vida, pela dedicação, compreensão, apoio e contribuição na minha jornada, pois foram eles que dividiram comigo minhas dificuldades e alegrias neste trabalho.

A minha professora orientadora, Raquel Soares de Farias, por toda sua dedicação, amizade, compreensão e correção deste trabalho, me ajudou a compreender que a Geografia Cultural é mais que uma simples observação da cultura.

Ao estado por propiciar um estudo gratuito, dando oportunidade para ter um curso superior e desta maneira melhorar de vida.

Aos meus amigos Geisa, Antoniel Tertuliano, Micherlane.

Aos meus colegas da turma 2008.1 tarde, pelos anos de convivência, pela amizade, pelos trabalhos realizados. Pois de cada um lembrarei com carinho.

A todos os feirantes e consumidores que gentilmente se prontificaram a me ajudar a construir os resultados e discussões, eles foram peças fundamentais deste trabalho, se dispuseram a relatar o que sabiam e que entendiam, alguns entrevistados tiveram que puxar no fundo da memória coisas que já estavam esquecidas.

Enfim a todos que me ajudaram de forma direta e indiretamente na construção deste trabalho monográfico.

"A cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem."

(José Ortega y Gasset)

043-Licenciatura Plena em Geografia

Título: **UMA ANÁLISE SÓCIO-CULTURAL DA FEIRA LIVRE DE GUARABIRA-PB**

Linha de Pesquisa: Geografia cultural

Autora: Alcicleide de Oliveira Alves

Orientadora: Prof^a. Esp. Raquel Soares de Farias.

Banca Examinadora: Prof^a. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar
Prof^a. Esp. Sharlene da Silva Bernardino

RESUMO

O estudo da cultura é importante para podermos entender os processos históricos os quais vivem a humanidade, e dentro da paisagem da feira livre podemos observar diversas manifestações culturais que retratam o modo de viver das pessoas. A feira livre de Guarabira-PB acontece a mais de 134 anos influenciando na vida social, econômico e cultural desta cidade. O objetivo deste trabalho é analisar os aspectos culturais da feira livre de Guarabira e identificar as principais manifestações culturais, em especial a importância dos cantadores de viola para a manutenção da cultura popular e analisar a percepção dos feirantes e consumidores sobre a relação entre feira livre e cultura. A pesquisa se baseou em levantamentos bibliográficos, reconhecimento e pesquisa de campo, aplicação de questionários e registro fotográficos. Com estes levantamentos podemos observar que a feira não está apenas relacionada aos fatores econômicos, mas também social e cultural, pois a mesma guarda valores culturais, que vão desde o artesanato até o modo de falar e se comportar dos cidadãos. As feiras nordestinas são verdadeiros celeiros culturais, que contribuem para a manutenção de manifestações populares, em especial as feiras das pequenas e médias cidades. Assim diante da pesquisa percebe-se o quanto a feira livre é importante para a preservação de inúmeras manifestações culturais da sociedade guarabireNSE.

Palavras- chaves: Feira livre, Cultura popular e Cantadores de Viola

043 – Graduation in Geography

TITLE: A SOCIO-CULTURAL ANALYSIS OF GUARABIRA'S FREE FAIR

Research Field: Cultural Geography

Author: Alcicleide de Oliveira Alves

Adviser: Prof^a. Esp. Raquel Soares de Farias

Examiners: Prof^a Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar
Prof^a Esp. Sharlene da Silva Bernardino

ABSTRACT

The study of culture is important to understand the historical processes that the humanity lives, and within the landscape of the free fair we can see various cultural expressions that describe the way people live. Guarabira free fair has been happening for more than 134 years influencing the social, economic and cultural life. The aim of this paper is to analyze the cultural aspects of Guarabira free fair and identify the main cultural expressions, in particular the importance of viola singers for the maintenance of the popular culture and analyze merchant and consumers perceptions of the relationship between free fair and culture. The research was based on literature surveys, recognition and field research, questionnaires and photographs. By these surveys we can see that the free fair isn't only related to economic factors, but also to social and cultural ones, because it holds cultural values, ranging from handicrafts to citizens speaking and behavior. Northeast fairs are true cultural storehouses, which contribute to the maintenance of public demonstrations, especially in small and medium-size cities. Just before the survey it has become clear how important the free fair is for the preservation of numerous cultural expressions of Guarabira's society.

Keywords: Freer Fair, Popular Culture and Viola Singers

LISTA DE FIGURAS E FOTOS

Figura 1- Feira livre no largo da Igreja Nossa Senhora da luz, centro da cidade 1908 a 1912.....	20
Figura 2- O festival Sanfone Fest. Fonte centro de documentação de Guarabira	22
Fotos 1 e 2 - Pessoas almoçando nas barracas de comida regional na feira livre.....	25
Fotos 3 e 4. Comerciantes da Avenida Napoleão Laureano.....	26
Fotos 5 e 6 - Rua Augusto de Almeida e Rua Dr. Pimentel Filho, conhecida como feira do abacaxi.....	26
Foto 7- Consumidores comprando frutas.....	27
Fotos 8 e 9- Feira da Troca.....	30
Fotos 10 e 11- Bicicletas e ventiladores sendo vendidos na feira da troca.....	30
Foto 12- Comerciante na feira da troca.....	31
Foto 13- Feira do gado.....	31
Foto 14 – Banco de lanches.....	33
Foto 15 -Banco de Edvaldo Custódio dos Santos.....	34
Foto 16 - Banco de comidas típicas.....	35
Fotos 17 e 18 - Feira de Mangaio.....	36
Foto 19- Banco de artigos para cavalos.....	37
Foto 20 – Artesanato de argila.....	37
Fotos 20 e 21 - Cantadores na feira livre no bar de Santo Antônio.....	39
Foto 22- Bar Encontro dos Poetas.....	40
Foto 23- Mestre Cleber e seus bonecos de ventríloquo.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CULTURA POPULAR E A FEIRA LIVRE.....	14
3 O SURGIMENTO DA FEIRA LIVRE NO BRASIL.....	17
3.1 O início da feira livre de Guarabira.....	19
3.2 A expressão cultural em Guarabira.....	21
4 MATERIAIS E MÉTODOS.....	23
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	24
5.1 Um olhar sobre a estrutura física da feira.....	25
5.2 Feira da troca e do gado.....	28
5.3 Percepção do feirante/consumidor sobre a cultura na feira livre.....	32
5.4 O cordel e o repente.....	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

O estudo da cultura é de extrema importância para que possamos entender o processo histórico que a nossa sociedade está inserida e dentre vários espaços os quais poderíamos estar analisando essas mudanças, principalmente de cunho cultural seria a paisagem da feira livre. Arantes (2007. P. 54), diz que “cultura é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionária”, um tipo de ação sobre a realidade social.

Este estudo buscou analisar o quanto a cultura popular ainda é presente na feira livre de Guarabira-PB, as mudanças ocorridas através do tempo e relembrar o modo como era a feira em tempos passados. A cidade de Guarabira-PB está situada no Agreste, transição entre a Caatinga e o Brejo paraibano. Limita-se ao norte com o município de Pirpirituba; ao sul com o município de Mulungu; a leste com Cuitegi; ao sudoeste com Alagoinha e ao nordeste com Pilõezinhos. (SOUZA, 1995, p.7).

O motivo que instigou-nos na escolha da temática relaciona-se ao motivo de que desde criança frequentava a feira com a minha mãe, e observava os cordéis, repentistas ou cantadores de violas, os alimentos, os artesanatos, as pessoas, todos estes elementos presentes em um mesmo espaço e ficava deslumbrada com toda essa mistura. A feira livre é uma paisagem que detém manifestações culturais, diversificadas que vão desde os alimentos, os artesanatos até o modo de falar das pessoas.

Então este trabalho partiu do pressuposto: Será que a feira livre de Guarabira ainda guarda valores da cultura popular ou foram esquecidos por causa da modernidade? Através deste questionamento observou-se que a feira que acontece a mais de 134 anos no município, (COELHO, 1975) exerce influência social, econômica e cultural na vida dos cidadãos.

Dessa maneira o objetivo geral deste trabalho é analisar os aspectos culturais da feira livre de Guarabira-PB e os específicos identificar as principais manifestações sócio-culturais, entender a importância dos cantadores de viola para a manutenção da cultura popular e analisar a percepção dos feirantes e consumidores com relação.

Para a execução deste trabalho utilizou-se procedimentos metodológicos como: pesquisa de campo e gabinete, leitura e análise de textos e imagens para melhor observar a inter-relação da cultura com a feira livre.

Como o intuito é analisar os elementos culturais da feira livre de Guarabira, buscou-se na geografia cultural o embasamento teórico, pois esta é uma corrente geográfica que se dedica à temática tendo respaldo na fenomenologia, pois o pensamento fenomenológico requer a reflexão da construção do conhecimento. Dentro deste contexto a geografia humanística entende que o homem é o principal agente transformador da natureza, por este motivo que a geografia cultural busca compreender as diversas facetas da paisagem cultural.

Para Corrêa e Rosendahl (2007), a geografia cultural está dividida em cinco temas implícitos: cultura, área cultural, paisagem cultural, história da cultura e ecologia cultural, estes cinco itens formam o núcleo da geografia cultural. Mas, não foi sempre assim, antes da década de setenta a geografia cultural não passava de uma subdivisão da geografia humana sem muita importância, só depois de 1970 é que a geografia humana passa por mudanças e desta maneira a geografia cultural consegue se desenvolver, tendo um destaque na geografia humana.

O termo geografia cultural foi introduzido pela primeira vez na Alemanha por Friedrich Ratzel em 1880, mais tarde, surgem dois nomes que vão elevar mais ainda o termo “cultura”, trabalhando com o determinismo: Paul Vidal de La Blache, europeu e Carl Sauer, americano.

Segundo Sauer (2007, p.22-23) a geografia se interessa, portanto, pelas obras que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A área cultural constitui assim um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas.

Alguns dos grandes geógrafos da geografia cultural no Brasil são Roberto Lobato Corrêa e Rosendahl que já escreveram diversos livros os quais abordam claramente o que venha ser a geografia cultural. Corrêa (2007) afirma que a geografia cultural não tem um empírico próprio estuda o passado, o presente e o futuro, realizando estudos em várias escalas, tendo característica política e distingue-se por focalizar na observação dos grupos sociais os quais são transformadores dos seus espaços temporalidades.

No Brasil só vamos ter uma repaginação da geografia cultural a partir dos anos noventa, com a criação do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura) do Departamento de Geografia da UERJ.

Mesmo com a criação do NEPEC, o Brasil ainda não tem muitos autores na linhagem da geografia cultural, lamentável para um país tão rico em diversidade cultural.

Por isso se faz necessário o estudo da cultura, de acordo com Cosgrove (2007, p. 103) a tarefa da geografia cultural é apreender e compreender a dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. Porque homem é o principal modificador do espaço e compreender a cultura de um determinado lugar é fundamental, pois nenhuma cultura é estática ela se modifica com o tempo, e esta realidade é que faz a geografia cultural ser tão especial.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos: o primeiro capítulo começa com a introdução, faz uma abordagem geral da temática e metodologia utilizada. O segundo capítulo, tendo como título “Cultura popular e a feira livre”, relata as diversidades culturais existentes no Brasil.

O terceiro capítulo com o título “O surgimento da feira livre no Brasil” faz referência a origem da feira, desde os tempos coloniais, com destaque para o nordeste, onde a feira ganha mais importância, também é relatado neste capítulo a importância do gado no surgimento das feiras. Ainda no terceiro capítulo foi feito um resgate histórico da feira livre de Guarabira que é o objeto de estudo dessa monografia, nesse resgate relembramos o início da feira e as mudanças da mesma.

O quarto capítulo, intitulado “Materiais e Métodos” traz os detalhes e os mecanismos utilizados para a elaboração deste trabalho.

No capítulo quinto denominado de “Resultados e Discussões”, buscou mostrar a influência que a feira livre tem na vida dos cidadãos, também é analisada a paisagem da feira, as diversidades culturais, o que permanece até os dias de hoje e o que foram esquecidos com o tempo.

Nas considerações finais verificou-se que a prática e a teoria é algo indissociável na pesquisa, desta maneira observa-se que a feira livre não é apenas um elemento comercial, mas também um atrativo cultural.

2 CULTURA POPULAR E A FEIRA LIVRE

Tudo que nos é transmitido, passado de geração em geração, a música, a dança, as festas é cultura. Para Ferreira (2000, p.197) cultura é “o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, típicas de uma sociedade”.

Segundo Rosa (2006, p.47) a cultura popular é instituída basicamente pela tradição oral, que se mistura com a cultura de massa, com a erudita e forma essa riqueza de explosão cultural, no entanto é ela que reflete a capacidade criativa do homem. A autora ainda afirma que o popular traz aspecto de uma imaginação coletiva, fazendo com que as pessoas busquem mais do conhecimento e da tradição recebida, isto implica dizer que nenhuma cultura é estática, e sim dinâmica, que ao passar dos anos muda, mas sem perder a essência.

Com isso, Santos (1994) afirma:

O fato de que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis não quer dizer que não se transforme que não tenham sua dinâmica. Nada do que é cultural pode ser estanque, por que a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental. (SANTOS, 1994, p. 47).

No Brasil a cultura é bastante rica e diversificada, temos influência dos povos nativos brasileiros, dos negros africanos que foram trazidos para cá na condição de escravos e ainda temos influência dos europeus, principalmente dos portugueses. Silva (2009) diz que as heranças africanas, indígenas e europeias são marcantes na vida dos brasileiros, não no sentido inebriante e sim como significação da participação da construção da história do Brasil, pois toda essa mistura acabou por fazer parte da cultura popular do nosso país.

Percebemos que houve modificações em nossa cultura, mas ainda hoje é forte em todo território nacional manifestações, tais como o folclore com as suas lendas e histórias, que fascinam muitas pessoas ao serem contadas. Os ditados populares que trazem lição de moral e ensinamento, alguns desses, estão presentes na literatura de cordel e nas composições de violeiros. E posteriormente acompanhemos um trecho da poesia “Paisagem de Interior” do poeta paraibano

Jessier Quirino que retrata o cotidiano de cidades interioranas e vem carregada de elementos culturais que estão intrínsecos na paisagem.

Matuto no mêi da pista menino chorando nu rolo de fumo e beiju colchão de palha listrado um par de bebo agarrado preto veio rezador jumento jipe e trator lençol voando estendido isso é cagado e cuspidado paisagem do interior.

No território brasileiro, sobretudo na região Nordeste pode-se encontrar diversas manifestações culturais. A capoeira é um tipo de dança que teve sua origem nas senzalas na época do Brasil colônia, no qual os negros escravizados usavam golpes para conseguir escapar dos feitores, hoje a capoeira é praticada nos quatros cantos do Brasil, tendo maior destaque no estado da Bahia.

Já no mês de junho é comemorado o São João, São Pedro e Santo Antônio, é um período de muita festa e crença que se vive no país, contudo tem mais expressividade na região Nordeste, pois todas as cidades ganham uma cor especial e um brilho diferenciado. É o momento em que toda comunidade se reúne para organizar e ornamentar as ruas e as casas. Entre outros eventos, se tem os festivais de quadrilha que são um show a parte, as fogueiras que além do significado religioso reúnem as famílias para assar milho e ouvir músicas, como o xote, xaxado, baião, forró pé de serra e outros ritmo que compõe a música popular nordestina. Na culinária, o milho é o principal prato, pois dele se faz a canjica, pamonha, bolo de milho, cuscuz, pipoca, polenta, e outras receitas que compõe a riquíssima mesa nordestina.

A festa junina faz um resgate da nossa cultura, ao demonstrar ou representar personagens históricos como Lampião e Maria Bonita, e também relembrar ações que os agricultores faziam para agradecer pela colheita.

Assim, complementa CENPEC (2009, p.36):

Às festas juninas, sempre com a participação de pais e comunidades. Do ponto de vista econômico não há nenhum impacto significativo: geralmente as roupas e indumentárias dos participantes são preparadas pela própria família e pela escola. Por ocasião das festas, a comunidade organiza as vendas de comida típicas sem fins lucrativos. A contribuição que as festas juninas trazem para a comunidade é altamente significativa, pois a realização das mesmas não está atrelada a geração de recursos, tendo como foco o resgate e valorização da manifestação cultural. As festas juninas, enquanto manifestações culturais resgatam a vivência de costumes e hábitos caipiras cultivados desde nossos avós e sempre revividos no mês de

junho/julho, oportunizando também momentos de recreação e conagração. É comum todas as escolas realizarem em suas instituições atividades alusivas (CENPEC 2009, p.36)

Dessa maneira se comemora o mês junino, com muita festa, comida, dança e o resgate da cultura popular nordestina.

Em se tratando de cultura popular temos ainda as feiras livres que é de grande expressão para o povo nordestino, pois as feiras são um espaço que contém diversos produtos da nossa raiz cultural agrícola. Segundo Bernardino (2010, p.10) a feira livre contém símbolos que dão significados as manifestações locais e gerais, que são absorvidas pela própria sociedade, os elementos da feira já fazem parte do cotidiano das pessoas que a frequentam.

Tanto a capoeira, como os festejos juninos, o folclore, os contos e os ditados populares tem ligação direta com a feira, pois são manifestações culturais que identifica e simboliza cada território, cujo homem é o principal modelador desses manifestos. E dentro da própria feira livre é comum nos depararmos com esses grupos, pessoas manifestando suas preferências culturais.

Como pudemos perceber é bastante largo o leque de manifestações culturais que ocorrem no Brasil. Ela pode ser percebida em vários lugares da nossa sociedade inclusive nas feiras-livres espalhadas pelo território, riquíssimos em manifestações culturais locais.

3 O SURGIMENTO DA FEIRA LIVRE NO BRASIL

Sabe-se que muito antes dos portugueses virem ao Brasil, os nativos já faziam trocas de produtos para suprir suas próprias necessidades. A feira livre veio surgir de fato no período colonial, quando o governador geral o rei Dom João III, ordenou que se fizesse em um dia de cada semana “feira”.

Para Almeida (2009, p.22), no Brasil colônia as trocas de produtos eram efetivas para atender às necessidades básicas da população e davam-se entre as comunidades circunvinhas.

E assim, as feiras livres foram sendo introduzidas na cultura brasileira. Laraia (2002, p.48) diz que “a cultura é um processo acumulativo, das gerações anteriores”. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. Culturalmente as feiras livres foram ganhando espaço e se espalhando pelo território brasileiro.

Dantas (2002, p.71), afirma que no século XVIII a feira livre chega ao sul, em Sorocaba na capitania de São Paulo, era a chamada feira dos burros ou feiras das mulas. Em São Paulo, segundo Guimarães (2010, p. 6) a primeira feira foi criada em 1914 pelo prefeito Whashington Luiz, sem grandes expressões. Atendia aos bairros de Santa Ifigênia e Campos Elísio, com um tempo surgiu à feira no Largo do Aroucho que possuía 116 barracas, era uma das mais completas e importantes de São Paulo, permaneceu por lá até 1950.

No Rio de Janeiro, a feira acontecia na praça XV, até que em 1711, o Marquês do Lavradio, vice-rei, oficializou-a, no entanto era desorganizada e não tinha preocupação com higiene, então, com o prefeito Pereira Passos em 1904 com inspiração no modelo europeu autorizou que as feiras acontecessem nos finais de semana. De acordo com Mascarenhas e Dolzani (2008, p.76), foi nas décadas de 20 e 60 que as feiras dominaram o varejo da cidade.

Apesar da feira não ter sido criada no nordeste, foi nessa região que ela ganhou êxito. Elas iniciaram por meio da criação de gado que foi responsável pela formação de algumas zonas de povoamento. Conforme Almeida (2009, p.23) as famosas feiras de gado de Feira de Santana, de Caruaru e da Paraíba foram as que deram origem a muitas cidades do interior nordestino, pois através destas adentraram o território criando pequenas cidades.

Em nosso Estado, a feira surge em meados do século XIX, facilitando a troca de produtos agrícolas, sendo que essas feiras tinham dias certos para acontecerem (CARDOSO e MAIA, 2010 p.3). Temos no estado muitas feiras importantes, tais como a de João Pessoa conhecida como a de Oitizeiro, Campina Grande, agreste e brejo paraibano, e em especial a de Guarabira que é o estudo da pesquisa.

Essas feiras até hoje são importantes, pois são de grandes dimensões e trazem consigo vestígios da cultura nordestina.

A feira no Nordeste brasileiro é fundamental para que os pequenos agricultores possam vender seus produtos, para que os artesões exponham suas artes e além do mais, para muitas cidades pequenas a feira é uma das principais fontes de economia.

Segundo Cordeiro (2008), no Nordeste a feira livre tem um papel de destaque, sendo às vezes difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira. Este elo é devido ao fator sócio-cultural e econômico da região, em virtude deste fato as feiras livres são um importante meio de sustentação das pequenas cidades.

Para muitas dessas cidades a feira é a principal fonte de renda para o município, pois é através dela que pessoas oriundas da zona rural e de cidades circunvizinhas, ao se locomoverem para a feira, vão ao supermercado, farmácia e outros estabelecimentos, desta forma a feira livre cria um elo entre o moderno e o arcaico.

Segundo Bernardino (2010), o espaço da feira livre muitas vezes tem que disputar com produtos industrializados, que são vendidos nos supermercados e até mesmo dentro da própria feira. Assim a feira livre cria um sistema em que os consumidores acabam por escolher qual produto leva se é do próprio local ou se de outras localidades, desta forma a feira se revela um cenário múltiplo com diversas mercadorias, e diferentes consumidores.

Além da importância econômica não podemos deixar de ressaltar a questão cultural que é parte intrínseca das feiras livres, e que é manifestado através do modo de falar das pessoas, nas comidas, nos objetos comercializados entre outros.

3.1 O início da feira livre de Guarabira

Desde os primórdios da conquista do território do Brasil, o gado foi responsável pelo núcleo de povoamento e pela formação de muitas cidades e suas respectivas feiras. Segundo Maia (2007) muitas cidades do interior nordestino ficaram conhecidas pela suas famosas feiras de gado. As realizações dessas feiras provocavam intenso movimento de compradores e vendedores.

Em Guarabira não podia ser diferente, tropeiros que vinham de outras cidades e até mesmo de outros estados, tinham como ponto de repouso um povoado pertencente ao município chamado Cuité, hoje denominada Cuitegí-PB, e a partir deste ponto de pouso teve início a criação da feira livre.

Simões (2005, p.51) diz que neste contexto de pouso para a boiada, Guarabira, devido a sua posição geográfica – Agreste do estado da Paraíba – que liga o litoral ao sertão, se transformou não só em um pouso para o gado, mas também atrativo centro de comércio. Em Cuitegí a feira era de grande dimensão, atraía muitas pessoas de Guarabira e também das cidades vizinhas.

Para Alves (2007, p.54):

Um comércio florescente, no século passado que atraíam vendedores, das localidades vizinhas com suas corridas feiras, dando-se ao luxo de beneficiar algodão em suas prensas instaladas na cidade, este surto de progresso propiciou, sem dúvida, o incremento de atividades culturais e prestigiados eventos populares (ALVES, 2007, p.57)

A feira livre permaneceu em Cuitegí até 1877, quando resolveram mudá-la para Guarabira. Os feirantes não queriam a mudança e discordavam das medidas que iriam ser adotadas. O professor Cleodon Coelho, relata o dia em que os feirantes tiveram que deixar Cuitegí.

Certo dia de sábado, uma patrulha do exército comandada por um Tenente e 14 praças, que se achavam acampada na margem do rio, isso desde o dia anterior, invadiu a povoação e ordenou que os vendedores botassem as mercadorias na cabeça e viessem para Guarabira. A estrada ficou cheia de feirantes caminhando para a cidade. (COELHO, 1975, p.45)

Quando chegaram tomaram posição na rua onde havia de funcionar a feira, foram às mulheres e os meninos que armaram as barracas; o movimento foi grande e a feira durou três dias seguidos, tendo se transformado em uma grande festa. Coelho (1975, p.45) diz que Cuité perdeu o movimento comercial das feiras, mas manteve as casas comerciais que permanece até os dias atuais.

A feira quando chegou, ficou instalada em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz, onde residiam, as famílias ilustres de Guarabira. Depois de alguns anos mudou-se para a avenida D. Pedro II.



**Figura 1- Feira livre no largo da Igreja Nossa Senhora da Luz, centro da cidade. 1908 a 1912.
Fonte: Centro de documentação de Guarabira.**

Depois de anos instalada na Avenida D. Pedro II, mais uma vez foi transferida, por ordem do poder municipal, entre os anos de 1982 a 1983, e foi colocada em torno dos dois Mercados Públicos, sendo na Avenida Padre Inácio de Almeida, nas ruas Augusto de Almeida, José Álvares Trigueiro, José Sá e Benevides, Leonel Ferraz, Napoleão Laureano, José da Cunha Rego e Sabiniano Maia, Dr. Pimentel Filho e João Batista de Amorim.

A feira livre acontece nas quartas-feiras e sábados, com um movimento considerado, mesmo com o crescimento das cidades circunvizinhas, Guarabira continua sendo destaque para a região do agreste e brejo paraibano.

Em Guarabira temos ainda a feira da troca que está localizada próximo ao terminal rodoviário municipal. Nesta feira vende-se de tudo que se possa imaginar de eletrodomésticos a bicicletas. Tem-se ainda a feira do gado que está localizada na saída para Pirpirituba-PB.

Como podemos observar as feiras contribuem diretamente para a economia das cidades, mas além dessa contribuição queremos destacar sua influência nas questões culturais, pois as feiras livres fazem parte da cultura popular brasileira, ela é a manifestação de tradições, costumes, de hábitos e de identidade de um povo.

3.2 A expressão cultural em Guarabira

Analisando a cultura de Guarabira através das diferentes décadas, podemos constatar que alguns artistas deram contribuições, para o desenvolvimento da nossa cultura a exemplo de: Alfeu Rabelo, Abdon Miranda, Augusto Virgílio, Antônio Polari, Augusto de Almeida, Antônio Epaminondas, que atuaram na literatura, no jornalismo e no teatro, isso entre os anos de 1920 a 1950.

Em 1975 tivemos Cleodon Coelho com a grande obra “Guarabira através dos tempos” uma obra que conta a história do nosso povo da nossa terra, e que relata o início da feira livre que é o tema do nosso estudo.

Com o passar dos anos a nossa cidade foi crescendo culturalmente e revelando outros artistas através de incentivo público. Nosso município sempre foi uma escola de artes, geradora de talentos individuais (CARTILHA, 1999).

Temos artistas muitos talentosos a exemplo de Clóvis Jr., Marcos Lira, Elias dos Santos (radicado em Guarabira), Carlos Damião, Afrânio Targino, e Adriano Dias de Araújo. Alguns destes artistas participaram da Amostra de Arte Atual paraibana no Espaço cultural em João pessoa de 01 a 31 de agosto de 1988 levando a arte de Guarabira para a capital. Carlos Damião, Elias dos Santos e Adriano Dias Araújo participaram como artistas selecionados, Clóvis Jr. participou como artista convidado.

Se tratando da música, forma cultural com mais expressão, alguns artistas escreveram a história da música guarabireense: Jovelino Cândido (maestro), Felino

Cavalcante. Hoje temos Artur Silva, Artur Neto, Jefferson Victor, Marinézio, Alighieri Damião, dentre outros.

Já na questão de escritores e poetas temos Aécio Vilar, Moacir Camelo, Marisa Alverga, Prof^o. Antônio Souza, Prof.^a Maria Piedade Medeiros, Marcelo Cavalcante. prof^o Vicente Barbosa e outros. Na literatura de cordel, foi destaque Manoel Camilo com a obra “PAÍS DE SÃO SARUÊ”.

No momento atual Guarabira, se encontra com o projeto que foi criado por Artur Silva, Alighieri Damião e outros e é denominado por “Canto da Sala” que tem como objetivo levar cultura e educação as escolas, seja literatura de cordel, poesia música e etc.

Não podemos deixar de destacar a festa da padroeira da cidade Nossa Senhora da Luz que atrai multidões, essa festa iniciou em 1901. Nos meses de junho e julho tem-se o festival de quadrilha que acontece na praça da juventude, o São Pedro que é realizado no bairro do Nordeste e o Sanfone Fest.



Figura 2- Festival Sanfone Fest.

Fonte: centro de documentação de Guarabira. 2009

No final do ano temos no colégio Senhora da Luz, o Auto do Natal Luz realizado anualmente na última quinzena de dezembro. Um espetáculo gratuito que atrai um público de 2.000 pessoas. Como podemos observar a nossa cidade tem artistas, escritores, poetas e etc. que representam a cultura local.

4 MATERIAS E MÉTODOS

Para a elaboração deste trabalho foram realizadas leituras e fichamento de artigos e livros utilização de câmera fotográfica, visitas a biblioteca da UEPB e do município para buscar dados de Guarabira. Também foram feitas pesquisas a monografias sobre a temática.

A metodologia se baseou em análises teórica e prática, através de textos, e pesquisa de campo que procurou compreender e constatar o quanto a cultura é presente e importante na vida dos cidadãos. Na visita ao campo foram aplicados questionários aos feirantes e consumidores, com estas perguntas percebemos que a feira livre de Guarabira preserva a cultura popular.

Para a construção dos questionários foi necessário reconhecimento de campo, tendo como objetivo, obter maior conhecimento para direcionar a elaboração dos instrumentos de pesquisa.

Esses questionários visam identificar as mudanças ocorridas na feira, o que permanece até os dias atuais, também foi verificado a importância dos cantadores de viola, para a propagação da cultura nordestina em especial na feira de Guarabira.

Outra escolha metodológica foi utilizar a literatura popular, a partir de expressões que retrata o universo da feira, esses poemas são elementos da geografia cultural. Que revelam paisagens do cotidiano enfrentado pelos feirantes e consumidores.

Também foi necessário o registro fotográfico para observar as manifestações culturais na feira livre.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, o objetivo é analisar os dados coletados, através da pesquisa de campo, e entender em que medida a cultura popular está ainda presente na feira livre de Guarabira e poder detectar as mudanças ocorridas através do tempo. Com ajuda dos depoimentos de alguns entrevistados iremos perceber estas mudanças. Através das fotos podemos ver os feirantes e consumidores ditando o movimento funcional da feira, que começa desde as primeiras horas do dia das quartas-feiras e sábados, até o sol se pôr.

Inicialmente vejamos o depoimento de Antônio Batista de Sena, que conta a sua ida a feira nos tempos de criança correlacionando o que tinha naquela época com o que hoje já não existe.

Eu alcancei a feira livre em frente à Igreja Catedral, era criança ia com meu pai. Eu comecei a fazer feira livre tinha de 10 para 11 anos de idade, levava capim para vender aos donos de cavalos que vinham comercializar na feira, tinha rancho na Costa Beiriz. Depois eu comecei a pegar feira com balaios, eu era um balaeiro, naquela época se carregava as feiras em balaios. Nos sábados e nas quartas-feiras eu saia às 4 horas da manhã. Já vendi coco - catolé, beiju, antigamente, sabe o que é que tinha na feira? Era um suco em latas grandes dava-se o nome de gelada era um suco de fruta, que era de coco, goiaba. Que era acompanhada de pão doce enchia o bucho. (depoimento de Antônio Batista de Sena de 66 anos entrevista em 06-09-2011)

Desta forma podemos constatar que algumas coisas mudaram, pois o mundo mudou, ficou mais moderno e, além disso, temos que entender que a feira livre não deve ser analisada apenas sob o ponto de vista econômico, ela é cultural, mistura de raças, trocas de idéias.

A feira sem dúvidas é um atrativo, pessoas da zona rural e de outras cidades vem a Guarabira nos dias de feira apenas para passear, como as opções de lazer são limitadas nas cidades do interior as feiras surgem também como opção de diversão, neste sentido a feira livre ganha um papel importante na vida das pessoas.

Quando falamos em feira livre nordestina, não podemos esquecer o modo de falar, as comidas típicas, os mangaios, as roupas e etc. Todos estes artigos fazem

parte da nossa cultura, e em especial da feira livre de Guarabira que é o foco do estudo.

Nos dias de feira encontramos os cidadãos comendo nas barracas, quando o tempo está corrido levam-nas para casa, pois nada mais gostoso que uma comida regional feita na hora.



Fotos 1 e 2 - Pessoas almoçando nas barracas de comida regional na feira livre.
Fonte: Arquivo da autora (Agosto, 2007).

Nesse ambiente da feira as pessoas além de deliciar as comidas regionais aproveitam para reencontrar alguns conhecidos de outras localidades. Observando a foto podemos perceber como se organiza essas barracas.

5.1 Um olhar sobre a estrutura física da feira

A feira livre de Guarabira está localizada por trás dos dois mercados públicos, o primeiro é chamado mercado velho, onde é vendido carnes de gado, galinha e condimentos, e o segundo, mercado novo, onde fica a vendas de peixes, camarão e artesanatos. A feira se divide pela Avenida Leonel Ferraz diversas ruas: Napoleão Laureano, Augusto de Almeida, João Batista de Amorim, Dr. Pimentel Filho, José Álvares Trigueiro, José Sá e Benevides, José da Cunha Rêgo e Sabiniano Maia. Como podemos observar a feira livre se encontra na parte central da cidade ponto de fácil localização.

O sábado é o dia de maior movimento, o número de pessoas aumenta e o fluxo de carros também, como é de costume uma feira livre do interior não pode faltar o transporte a cavalo, burros e éguas, e são estes animais que ainda trazem

mercadorias de alguns feirantes, cultivando assim a cultura de se transportar produtos em animais.



Fotos 3 e 4. Comerciantes da Avenida Napoleão Laureano.
Fonte: Arquivo da autora (Agosto,2011).



Fotos 5 e 6 - Rua Augusto de Almeida e Rua Dr. Pimentel Filho, conhecida como feira do abacaxi.
Fonte: Arquivo da autora (Agosto, 2011).

A feira ainda continua com seus aspectos tradicionais, pouca coisa mudou, hoje existem os bancos de madeira, antigamente as mercadorias eram colocadas no chão ou em caçoais, embora ainda vejamos feirantes com suas mercadorias, ao chão.

Quanto a este fato a entrevista de seu Antônio Belarmino da Cruz, popular Neginho afirma:

Eu era comerciante na época em que a feira livre ocorria na avenida D. Pedro II, no centro da cidade. Eu vendia laranja, abacaxi, banana, muitas frutas, saía bem cedinho para ir vender minhas mercadorias. Nessa época os arreios, as cordas, ficavam na calçada. Onde era a praça ficava cheio de mercadoria. As mercadorias ficavam no chão e também ficavam nos caçoais, era desse jeito sabe minha “fia” que elas ficavam. (Antônio Belarmino da Cruz, 81 anos, entrevista concedida no dia 07-09-2011).

Esta entrevista foi concedida na casa de seu Antônio, hoje ele não é mais comerciante na feira, apenas é consumidor assíduo, o mesmo afirmou que vai a feira todos os sábados logo cedo, faz as compras e toma uma cachacinha, no bar de Santo Antônio.

O espaço físico da feira e os elementos desta são consideráveis, pois abrangem diversas ruas tendo uma variedade de frutas, verduras e hortaliças, a exemplo: caju, banana, manga, seriguela, cajá, maracujá, jaboticaba, melancia, melão, uva, maçã, laranja, pitomba, abacaxi, tomate, coentro, alface, jaca, coco, etc., todas estas mercadorias dão um cheiro especial, pois quem vai a feira livre gosta de sentir o cheiro das coisas, de pegar, para então comprar.



Foto 7- Consumidores comprando frutas.
Fonte: Arquivo da autora. (setembro, 2011).

Em alguns pontos da feira existem apenas um determinado produto, como na rua, José Álvares Trigueiro (feira de roupas e calçados) e mesmo assim há algumas pessoas vendendo temperos, na Rua Napoleão Laureano encontramos a feira do mangaio, nestes dois pontos da feira é que ainda identificamos esses produtos.

A feira livre divide espaço com os supermercados, loja de roupas, de bijuterias, bombonieri e desta maneira facilita a vida dos cidadãos, pois quem faz compras nas feiras livres resolve comprar em um supermercado que fica por lá mesmo.

Dentro da feira foram feitas barracas de alvenaria, muitas delas são bem organizadas, isto já modificou um pouco a paisagem da mesma. Mas nada que tire o aspecto cultural, apesar de mudanças ocasionadas pelo período tecnológico que vivemos. O que pudemos constatar é que a feira de Guarabira ainda guarda costumes tradicionais, seja pelos produtos, pelo modo de falar, pela estrutura dos bancos com suas lonas e etc.

5.2 Feira da troca e do gado

A feira da troca está localizada perto do terminal rodoviário, há oito anos. Nesta feira se encontra de tudo que se possa imaginar: eletrodomésticos, bicicletas, motos, artigos para o lar, tudo de segunda mão.

Na feira de troca de Pêdo Cangáia
se troca de tudo que se imaginá
uma muscajada de rock pesado
por xotezinho faceiro e graduado
que só João do Vale podia tocar.
Se troca o blidex do banho de Londes
por um luminoso chêim de reclame
dez légua de cerca de pau e arame
por uma donzela querendo casá.
Troca uma bodega pintada e sortida
Pela alivinhaça d'uma dor de dente
Um ano a mais de presente
Por dez FM pra deputaiada
Espuma de Bhamá bebiga e mijada
Por uma promessa do dia dod pleito
Catráia má-feita sem dente e sem jeito
por uma mais feia que seja fiel
catorze cavalo de um carrossel por
um fungada com todo respeito.
Uma goiabada comida pela metade
numa monarêta não sei de que ano
se troca fulano por vinte sicrano
ri-ri de braguila por cinco botão
Sargento Garcia e seu batalhão
na fotografia de cara do Zorro
O chefe da droga do morro do morro
no "morro não morro" da população
Uma cuscuzeira de fundo emendado
Num pai de chiqueiro bem apaideguado
irmão de uma cabra de Frei Damião.

Se troca um mistério bem misteriado
 por uma fofoca sem fofoqueira
 se troca a troca da troca da feira
 por uma pexeira de cabo quebrado,
 uma cansação por dois feriado
 um mês de Santana chéim de balão
 por dois de fevereiro com frevo de fora
 tem doido que troca sem muita demora
 um mês de inverno por três de verão.
 Uma brecha nos peito de Zefa Bionha
 por uma casinha no alto do bode
 uma faceiraje, comprar ninguém pode
 mas troca de uma paixão
 mulher faceirando com instrução
 vai ver que é home, na de meretriz
 o dono da feira de Seu Pêdo Cangáia
 avisa pro macho abaixa essa saia
 no mêi dessa feira eu nunca te quis.
 As dezoito prega de uma careta
 Por duas preguinhas d'um riso calado
 Uma sirigaita do beijo pintado
 Por uma cabôca bonita e faceira
 Uma beberage d'um dia de feira
 na melhoradura de uma ressacada.
 O podre do cheiro de uma titica
 No cheiro cheiroso que vem de você
 o mais cabuloso desse trocaiado
 foi um senador em fim de senado
 por três deputado e um fê-nê-mê.

Através deste poema podemos ver a dimensão que é a feira da troca, onde encontramos crianças, mulheres e principalmente homens dividindo o espaço, para escolher o melhor produto. A feira acontece nas quartas-feiras e sábados, sendo que o dia de maior fluxo de pessoa é no sábado, mais o dia de maior renda para os feirantes é na quarta feira.

Na feira da troca e do gado, o feirante conquista o consumidor na base da conversa, mostrando seus produtos e falando que estão bons, os fregueses pedem para verificar se estão realmente bons, apesar de serem produtos de segunda mão, encontramos muitos bem conservados, já outros nem parece de segunda mão.

Mas assim é a feira da troca, os consumidores tentando comprar artigos mais em conta, os vendedores tentando vender as suas mercadorias de qualquer jeito. E desta foram é que se faz essa feira uns gritando de lá outros gritando de cá, toda aquela agitação.



Fotos 8 e 9- Feira da Troca.
Fonte: Arquivo da autora (setembro, 2011).

A feira da troca ou Jarambada é um verdadeiro laboratório a céu aberto, com personalidades diferentes onde o objetivo é lucrar e conseguir vender o seu produto, cada vendedor trata de arrumar um jeito para chamar a atenção dos fregueses, às vezes parecem até atores atuando em meio um cenário inusitado.



Fotos 10 e 11- Bicicletas e ventiladores sendo vendidos na feira da troca.
Fonte: Arquivo da autora (Setembro, 2011).

Através das fotos observamos o dinamismo que é essa feira, o quanto que é complexa essa interação entre, as mercadorias, vendedores e consumidores, e não podemos deixar de destacar que nessa feira a maioria dos consumidores são homens, não implica dizer que as mulheres também não vão a essa feira.



Foto 12- Comerciante na feira da troca.
Fonte: Arquivo da autora (Setembro, 2011).

Em Guarabira temos também a feira do gado que acontece no parque de exposição Augusto de Almeida esse parque funciona desde 1977. A feira do gado acontece nos sábados, e nas quartas acontece a feira de caprinos e ovinos. Os animais só entram e sai do parque com o GTA (Guia de Trânsito Animal) informação do fiscal da Defesa Agropecuária, Manoel Costa Viana de 57 anos.



FOTO 13- Feira do gado.
Fonte: Arquivo da autora (set 2011)

Percebemos que a feira livre está na alma dos nordestinos, quando são os dias de feira, a cidade se transforma. Dentro da feira da troca e da feira do gado também são explicitados a cultura local.

5.3 Percepção do feirante/consumidor sobre a cultura na feira livre

Mesmo com a modernização, pudemos constatar que a cultura popular é bastante presente na feira livre que acabou por se misturar com a cultura de massa para poder verificar este fato foram feitas entrevistas aos consumidores e feirantes. Antônia Maria Coutinho Serafim, 49 anos, moradora de Guarabira e freqüentadora da feira há três décadas. Ela diz que:

Cultura é um conjunto de conhecimentos, costumes e tradições em uma determinada região, ou seja, nas crenças, manifestações artísticas. E isso é vista na feira, principalmente na divulgação e comercialização de velhos e novos produtos da região. (Antônia Maria Coutinho Serafim, 49 anos, entrevista 18-set-2011).

Para Leiliane Amancio Soares a qual tem um banco de lanches na feira há dois anos, moradora de Guarabira, em seu relato demonstra que sente que a cultura faz parte da feira, assim ela relata.

Cultura é o resultado da troca de idéias e pensamentos entre os grupos humanos. A cultura de um povo é determinada através da relação social, política, econômica e religiosa desses grupos. A cultura popular na feira livre de Guarabira é muito presente, seja na comercialização de produtos, na história contada na feira, enfim em todos os aspectos. A cultura popular pouco mudou ao longo dos anos. Antigas tradições como a literatura de cordel e as cantigas de viola, por exemplo, ainda são muitos presentes dentro da feira. (Leiliane Amancio Soares, 27 anos, entrevista 20-set-2011)

Notamos que tanto para os feirante e consumidores a cultura popular é bastante perceptível dentro da feira livre e que mesmo com a introdução da cultura de massa, vemos os velhos costumes, os produtos da agricultura local, as comidas típicas. Pois isso não foi um empecilho para que eles desaparecessem. Mas que se misturasse dando um brilhantismo a essa feira, logo teremos um encontro com o tradicional e o moderno.



Foto 14 – Banco de lanches.
Fonte: Arquivo da autora (set 2011)

Ao observar as respostas dos feirantes e consumidores podemos perceber que a cultura sempre vai estar presente no cotidiano das feiras, pois ela consegue reunir pessoas letradas e não letradas, dividindo o mesmo espaço a procura de produtos e alimentos. Foi verificado que os cidadãos com um grau de escolaridade maior têm uma visão diferente sobre a cultura na feira, eles sabem opinar e sistematizar as respostas sobre o assunto.

Já os que não conseguiram terminar o ensino fundamental apresentam certa dificuldade em explicitar oralmente sobre a cultura, embora eles a vivam, como também ajudem em sua manutenção através de hábitos, atividades que vão passando de geração em geração. Muitos deles falaram que está faltando, na feira livre é um apoio e uma divulgação para que eles compreendessem a cultura popular dentro da feira. Uma dessas pessoas que abordou sobre esse questionamento foi à vendedora de feijão verde, coentro e quiabo a Sr^a. Elizângela Henrique Lima, 32 anos residente em Guarabira e há 15 anos que trabalha na feira livre. Em entrevista ela lembrou que “de primeiro não tinha banco, as mercadorias eram vendidas em balaies, os carroceiros não existiam e sim os balaieiros”.

Apesar de diferenças de classe social, intelectual e etc. todos eles concordam em uma coisa que a feira livre é detentora de manifestações culturais. Para o professor Vicente Barbosa da Silva, “cultura é toda forma de manifestação cultural ou não cultural que permeia a vida do povo, no dizer de Câmara Cascudo: “Cultura é a alma de um povo”. O professor reside em Guarabira, tem 57 anos e é consumidor da feira há trinta anos. Quanto ao aspecto cultural da feira ele diz:

Há uma rica diversidade indo desde a culinária ao artesanato que contribui para a manutenção de nossa memória histórica, devendo ser estudada e preservada para as futuras gerações. Infelizmente muita coisa vem desaparecendo, mas ainda conseguimos detectar parte do viver dos nordestinos caracterizado através da alimentação, dos gestos, do falar e do artesanato (mangaio) (prof. Vicente Barbosa da Silva, 57 anos, entrevista em 13-09-2011)

As feiras livres nordestinas e em especial a de Guarabira ainda guardam vestígios da feira camponesa, além de ir para comprar muitos consumidores vão para conversar com seus amigos, pois a feira é um encontro e reencontro de familiares e conhecidos, e também para olhar os objetos e/ou passear e conhecer novas pessoas.

E assim como nos relatou Edvaldo Custódio dos Santos de 39 anos, residente em Guarabira, feirante há 28 anos (comercializa frutas, jerimum e fava da região), “tem cultura para todos os gostos, tem pessoal que vem se divertir, os idosos vêm ouvir os cantadores, as pessoas vêm comer as comidas típicas da nossa região”.

Esses alimentos são próprios do cardápio dos nordestinos, e facilmente encontrados na feira. Outros tipos de comida bastante procurado e fácil de adquirir são: a tapioca, o pé-de-moleque, a rapadura, o milho assado entre outros, itens do cardápio que não pode faltar na mesa do nordestino.



**Foto 15 - Banco de Edvaldo Custódio dos Santos.
Fonte: Arquivo da autora (setembro, 2011).**



**Foto 16 - Banco de comidas típicas.
Fonte: Arquivo da autora (setembro, 2011)**

A parte da feira que detectamos artigos bem antigos e de certa maneira resiste às mudanças impostas pela globalização é a feira do mangaio, onde podemos encontrar uma variedade de produtos os quais muitos deles não têm tanta utilidade para os dias atuais, no entanto são objetos que representam de maneira direta o povo nordestino. Para começar a falar dessa feira nada melhor que a composição da música “Feira de Mangaio” de Glorinha Gadelha e Sivuca.

Fumo de rolo arreio e cangalha
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Bolo de milho broa e cocada
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pé de moleque, alecrim, canela
 Moleque sai daqui me deixa trabalhar
 E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
 E foi passo-voando pra todo lugar

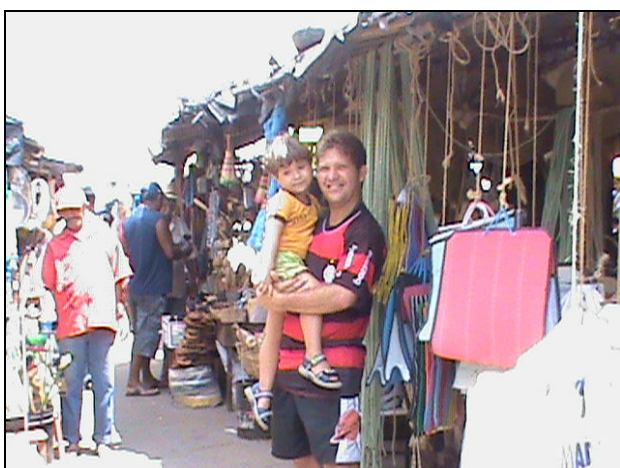
Tinha uma vendinha no canto da rua
 Onde o mangaieiro ia se animar

Tomar uma bicada com lambu assado
 E olhar pra Maria do Joá (2x)
 Cabresto de cavalo e rabichola
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Farinha rapadura e graviola
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pavio de cadeeiro panela de barro
 Menino vou me embora
 Tenho que voltar
 Xaxar o meu roçado
 Que nem boi de carro
 Alpargata de arrasto não quer me levar

Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua
 Fazendo floreio pra gente dançar
 Tem Zefa de purcina fazendo renda
 E o ronco do fole sem parar (2x)
 Eiii forró da mulestia..
 Fumo de rolo arreio e cangalha
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Bolo de milho broa e cocada
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pé de moleque, alecrim, canela
 Moleque sai daqui me deixa trabalhar
 E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
 E foi passo-voando pra todo lugar

Tinha uma vendinha no canto da rua
 Onde o mangaieiro ia se animar
 Tomar uma bicada com lambu assado
 E olhar pra Maria do Joá
 Mais é que tem um Sanfoneiro no canto da rua
 Fazendo floreio pra gente dançar
 Tem Zefa de purcina fazendo renda
 E o ronco do fole sem parar
 Eitaa Sanfoneiro da gota serena...

A letra desta música retrata bem o que são os produtos comercializados nessa feira e como foi afirmado anteriormente, apesar de alguns destes utensílios poderem ser substituídos pelos modernos, é visível que os consumidores escolhem além da funcionalidade do produto, é como se eles quisessem realizar algumas tarefas de maneira parecida como os seus pais e avós realizavam.



Fotos 17 e 18 - Feira de Mangaio.
Fonte: Arquivo da autora (outubro, 2011)

Temos também feirantes de cidades vizinhas como é o caso de José Jovelino de Sena, mais conhecido como Nildo do Managaio, ele reside em Pirpirituba tem 43 anos e a mais de vinte anos faz a feira livre de Guarabira. Os produtos que ele comercializa são: selas, arreios, artigos para cavalo e etc. verificamos que esta feira

é feita por pessoas da cidade e também das cidades vizinhas, este fato mostra o quanto a mesma é importante para a economia e a cultura destas pessoas.



**Foto 19- Banco de artigos para cavalos.
Fonte: Arquivo da autora. (set 2011)**

Dentro do mercado público podemos encontrar peças de argila e produtos da feira do mangiaio. José Mendes de Freitas, residente há 60 anos em Guarabira, é um do artesão e comerciante destes produtos artesanais.



**Foto 20 – Artesanato de argila.
Fonte: Arquivo da autora (set 2011)**

5.4 O cordel e o repente

O nome literatura de cordel vem da península ibérica, onde eram exibidos e pendurados em cordões. De acordo com Souza (1996), até o século XVII, o “cordel”

era lido por reis e sábios. Com o início da industrialização o cordel foi sendo deixado de lado. No nordeste brasileiro, os cantadores, os trovadores provençais ou menestréis, andavam de engenho a engenho, de fazenda e fazenda, de feira em feira improvisando seus versos, suas canções em trocas de favores, e banquete de remunerações mais vaidosas.

Ainda Souza (1996) baseado nos livros de Câmara Cascudo diz que “quanto à literatura escrita o primeiro folheto brasileiro publicado foi o romance “Zezinho e Mariquinha” ou a “Vangança do Sutão”, do cantador Silvino Pirauá de Lima, nos fins do século XIX. Entretanto, Ariano Suassuna dá notícia de um folheto impresso em 1836, o romance D’a Pedra do reino, que circulava pelo sertão.

Este mesmo autor afirma que a cidade de Guarabira assumiu a liderança como produtor de folhetos entre os anos de 1918 e 1921. Neste apogeu, se inclui o tempo de Manoel Camilo dos Santos que vai até 1940, com a sua editora “Estrela da Poesia”, que teve grande atuação e destaque nesse período.

A literatura de cordel ganhou êxito no nordeste do Brasil, aqui se fixou e nas feiras livres eram vendidas em cordas penduradas. O cordel foi implantado no Nordeste brasileiro em várias modalidades, mas a Paraíba foi o estado que se destacou pelos cordéis serem cantados por violeiros e fez com que a mesma ficasse conhecida como celeiro dos melhores cantadores. O cordel do Brejo paraibano tem rimado com sabor de modernidade enfocando o lirismo, religiosidade, justiça social e crítica social.

Os cantadores de viola ou repentistas ditam seus versos cantando, e encantando a quem ouve. O cantador de viola é um poeta popular que canta suas raízes fazendo florescer a cultura de um povo.

No começo deste século, a figura tradicional do cantador de viola era de indivíduo de inteligência aguda, escassas condições financeiras, muitas vezes analfabetos ou pouco letrados, cantando de feira em feira seus versos geniais que garantiam a própria subsistência.

De acordo com Silva (2006. p. 22), a cantoria ou desafio é a forma usada para a poesia improvisada. Dois cantadores, de viola em punho, às vezes durante toda uma noite, improvisam á maneira dos tensos provençais. O que existe de melhor nesses desafios é o tom jocoso, satírico.

Esta arte surgiu no meio rural e especialmente no sertão nordestino, que aos poucos foi conquistando todos os recantos do nordeste e até no sul e sudeste para onde muitos se deslocam em busca de uma vida melhor.

O instrumento do cantador de viola é a viola, menor que o violão (guitarra espanhola). Ela tem de 5 a 6 cordas duplas. Em tempos passados após cada vitória o cantador amarrava uma fita colorida em suas cravelhas. Hoje em dia não são todos os repentistas que preserva esta tradição, pois com o passar do tempo muitos costumes perdem o seu valor. Dentro da feira livre temos o prazer de ver os cantadores de viola, lá eles têm um espaço não muito grande, mas bem organizado.



Fotos 20 e 21 - Cantadores na feira livre no bar de Santo Antônio.
Fonte: Arquivo da autora (Setembro, 2011).

Esse espaço foi criado por Luiz Dias Pacheco, mais conhecido por Santo Antônio, que é poeta juntamente com seu irmão Ademar Pacheco e dono do bar, onde acontecem as apresentações dos repentistas. Que por sua vez tem como nome “Encontro dos poetas” e está localizado na Rua Leonel Ferraz. O mesmo resolveu criar este espaço porque também é poeta e assim é uma forma de divulgação da cultura popular, e desse jeito as novas gerações podem ver esta arte.

Assim as novas gerações podem apreciar um pouco dessa cultura popular, que é a identificação do povo nordestino e em especial da feira livre de Guarabira, que apesar das novas modalidades de músicas de novos estilos, os repentistas ainda resistem ao tempo, e cultivam essa arte do cordel, sendo cantada ou disputada por dois repentistas e suas respectivas violas.



Foto 22- Bar Encontro dos Poetas.
Fonte: Arquivo da autora (setembro, 2011)

Os repentistas são poetas que merecem todo o nosso respeito e o que eles querem é apenas o reconhecimento. O repentista Antônio Luiz da Silva de 43 anos, nome artístico Carlinhos fala a respeito da cultura.

Cultura pra mim, já faz parte do respeito, quem não tem cultura não tem respeito, não tem moral, não tem nada. Isso é o que nos prevalece, a cultura nordestina é a cultura da viola, do improviso, tudo isto faz parte da vida artística, o forró, o brega, a poesia é a cultura. Quando agente chega aqui em Guarabira, as pessoas chegam, passam vem pra cá pede uma canção, pra gente é uma alegria, um trabalho histórico uma das antigas, é muito bom ser assim um poeta, amigo, um criador exercer a cultura, como exercemos, foi aqui, que comecei, é aqui que continuo, é aqui que exerço a cultura é aqui que dou valor a cultura. (Antônio Luiz da Silva, 43 anos, entrevista concedida no dia 20/agos/2011).

Todos os sábados esses poetas mostram seus talentos, chegam por volta das oito horas e ficam até mais tarde, às vezes tem o forró pé de serra que também faz parte da cultura local.

Os cantadores de viola de fato são artistas que resistem ao tempo, apesar da hibridização cultural, que estamos passando que é a mistura de cultura, tais como: o forró eletrizado, a música sertaneja, dentre outros, estes estilos adentraram na feira através da pirataria, e hoje já faz parte dos manifestos da feira livre, estes são lembrados por muitos quando em cultura, em especial na feira livre de Guarabira.

A consumidora Maria do Socorro Braz de Araújo, 44 anos, frequentadora da feira há 25 anos nos relatou sobre o que pensa dos cantadores de viola: “Acho maravilhoso, admiro demais a capacidade de cada um deles, é um dom dado por

Deus, que eles fazem uma poesia em questão de segundos, acho lindo, um dom maravilhoso destes repentistas”.

Outro depoimento bastante interessante a cerca destes artistas foi do professor Vicente Barbosa da Silva:

Os cantadores de viola, ou repente representam parte da memória histórica da região nordeste, que teve início na segunda metade do séc. XIX. Os violeiros tem grande importância como identidade nordestina não podendo, pois deixar de existir. Pois os mesmo em seus improvisados testemunham os acontecimentos passados do viver nordestino. (prof. Vicente Barbosa da Silva, 57 anos, entrevista em 13-09-2011).

Para a consumidora Marly de Oliveira Alves de 46 anos, os repentistas “são artistas, mas não estão sendo valorizados pela própria população nem pelos governantes”.

Com estes depoimentos podemos constatar que na feira livre a cultura popular é presente, e que os cantadores de violas são fundamentais na manutenção da cultura popular e que devem ser valorizados e incentivados. Contribuindo para a preservação dessa arte e repassando para as novas gerações.

Além das apresentações constantes dos cantadores de viola no referido bar acontece eventos duas vezes por mês aos domingos incluindo o forró pé de serra e show de bonecos.



Foto 23- Mestre Cleber e seus bonecos de ventríloquo.

Fonte: Arquivo da autora (out 2011)

Essa arte já estava esquecida, aqui em Guarabira, que também faz parte da nossa cultura e foi resgatada por Mestre Cleber, essas apresentações não ocorrem no dia de feira, mais estar encravada no âmbito da mesma.

Desta maneira a feira de Guarabira mostra valores e expressões culturais que identificam e que conta a história do seu povo. Onde a paisagem revela em sua configuração imagens, sons, símbolos, personagens, pois a feira é feita por pessoas simples, isso se dar nas conversas, nas atitudes, demonstrando que a feira é sim um elemento cultural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As feiras nordestinas são fontes de riquezas culturais e sociais, não apenas atuando no campo da economia, elas retratam o cotidiano das cidades e às vezes as feiras são tão importantes que ninguém sabe ao certo quem depende de quem.

No decorrer da construção desse trabalho, foi verificado que a feira livre de Guarabira é detentora de manifestações culturais, que pode ser percebido, nos produtos artesanais, nas roupas, no sotaque, nas comidas típicas, nos cantadores de viola entre outros.

A cultura popular faz parte da vida dos cidadãos, ela está presente em qualquer espaço, por menor que seja este lugar, às vezes a cultura se transforma e modifica, mas nunca vai deixar de existir, agora o que não podemos permitir é que algo importante se acabe com o passar dos anos.

Para muitos feirantes e consumidores da feira livre de Guarabira, a mesma representa um encontro e reencontro de amigos, as pessoas aproveitam para conversar, matar as saudades, curtir as atrações, tem aqueles que vêm logo cedo para comprarem as melhores frutas, legumes, já tem aqueles que preferem vir, mas tarde quando os preços estão em baixo, e assim é o movimentado dia de feira.

A arte do improviso pode ser visto pelos repentistas ou cantadores de violas que são verdadeiros representantes da cultura popular nordestina, todos os sábados eles vem à feira demonstrar seus talentos, são admirados e respeitados pela população que freqüenta a feira livre.

É importante ressaltar que o trabalho buscou compreender as diversidades culturais, a importância dos cantadores de viola, a percepção dos feirantes e consumidores a respeito da cultura popular dentro da feira livre e através dos questionários pudemos verificar que a feira faz parte da vida das pessoas.

Assim, diante deste trabalho verificou-se que a feira livre é importante para a preservação de inúmeras manifestações culturais da sociedade guarabireense.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Camile. **A arte da capoeira**. 1ª edição: 1987 gráfica e editora Kelps-Goiânia/GO 6ª edição, revista e atualizada: maio 1999 disponível em <http:// www

ALMEIDA, P. N. de C. e. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemática de feirantes e fregueses da feira livre do bairro Major Prates em Montes Claros- MG**. Dissertação de mestrado do curso de Desenvolvimento Social do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS – Universidade Estadual de Montes Claros, 2009. 132 p il

ALVES. Ednaldo. **Guarabira um olhar sobre o passado**. 2007 p.273 il.

ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. Brasiliense: São Paulo. 2007, p.85

BERNARDINO, Sharlene, da Silva. **Cultura, paisagem e território da feira camponesa: uma análise no município de Jacaraú**. Monografia de especialização. UEPB Guarabira, 2010 p42 il.

CARDOSO, Carlos, Augusto de Amorim. e MAIA, Doralice, Sátyro. **A feira de Campina Grande: onde se encontra o moderno e o tradicional**. Anais encontro nacional dos geógrafos. ENG. 2010

CARTILHA EDUCATIVA DO MUNICÍPIO GUARABIRA. **Sua história sua gente**. Prefeitura de Guarabira secretaria da educação, cultura, esporte e turismo 1999

CENPEC. **Desescondendo o Brasil: olhares sobre a cultura brasileira**. Projeto formação cultura viva, 2009

COELHO, Cleodon. **Guarabira através dos tempos**. Guarabira. Nordeste.1975 p.184

CORDEIRO, Danilo. **A feira-livre e sua importância para a população da cidade de Nova Cruz**. Monografia de conclusão de curso de licenciatura plena em geografia. UEPB Guarabira-pb. 2008. P. 66

CORRÊA, Roberto. **A geografia cultural e o urbano**. In- e ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Introdução à geografia cultural**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p226

COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In- Roberto L. Correa e Zeny Rosendahl (org). **Introdução à geografia cultural-3ª Ed.- rio de Janeiro Bertrand Brasil,2007. 226p**

DANTAS, Geovany, Pachelly, Galdino. **Feira livre de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica sócio espacial (1960-2006)**. Dissertação de mestrado

apresentado ao curso de geografia programa de pós-graduação e pesquisa em geografia. UFRGN.2002 P 191IL

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 210.p

GUIMARAES, Camila, Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. Universidade de São Paulo CELACC Gestão cultural e organização de eventos. 2010

LARAIA, R. DE B. **Cultura: um conceito antropológico**. 15ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2002. 117 p

MAIA, Doralice. S. **A feira de gado na cidade: encontros, conversas e negócios**. Revista formação, nº14 volume1 -12-30. 2007.

MASCARENHA, G. DOLZANI. M. C. S. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. Ateliê Geográfico revista eletrônica Goiânia-GO v.2, n.4 agos/2008 p.72-87

QUIRINO, Jessier. **Paisagem de interior 1**(discografia). Recife: Bagaço, 2005

ROSA, Maria, Nelza, Barbosa. **usos, costumes e encantamentos: a cultura popular na obra de ademar Vidal**. Tese de doutorado em letras. UFPB. João Pessoa. PB, 2006. P 169

SAUER, Carl. O. Geografia cultural. In- Roberto L. Correa e Zeny Rosendahl (org). **Introdução à geografia cultural-2ª Ed.**- rio de Janeiro Bertrand Brasil,2007. 226p

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 14ª Ed. Brasiliense: São Paulo. 1994, 89.p

SILVA, A. de M. S. e. **Literatura Afro-Brasileira legados africanos na poesia de autores afro-brasileiros**. Revista África e Africanidades-ano I.n.4 fev. 2009 Disponível em <[http:// www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com)> acesso em 27 de abr de 2011

SILVA, R. S. da. **Sebastião da Silva: cordel e cantoria de em representante da literatura popular**.Monografia de conclusão de curso de Licenciatura Plena em Letras.UEPB-Guarabira-PB. 2006.p.43

SIMÕES, Kaliny, Monteiro. **A feira de Guarabira-pb influência no contexto histórico da cidade** (monografia de geografia UEPB) 2005, 111p

SOUZA, Antônio José de. **O pássaro que come peixe**: Guarabira e suas contendas políticas. Gurabira.1995, p. 70.il

SOUZA, Manoel, Matuzalém. **Antologia de cordel** (organizador)- Guarabira-UEPB, 1996,p. 52 il.

SAITE

WWW.letras.com./br/Sivuca.Feira-de-Mangaio

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CONSUMIDORES NA FEIRA LIVRE DE GUARABIRA

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Local de residência:

- 1- Há quanto tempo você frequenta a feira livre de Guarabira?
- 2- Você faz todas suas compras na feira livre?
- 3- Você costuma comprar produtos, na feira do mangaio?
- 4- O que você entende por cultura?
- 5- Quanto ao aspecto cultural, na feira livre qual a sua opinião?
- 6- Qual a sua visão a respeito dos cantadores de viola?
- 7- Você acha que a cultura popular é marcante na feira livre?
- 8- Além de fazer compras, tem outro motivo que atrai sua vinda a feira?

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FEIRANTES DE GUARABIRA

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Local de residência:

- 1- Há quanto tempo, você comercializa na feira livre de Guarabira?
- 2- Quais os produtos que você comercializa?
- 3- Você fabrica ou produz algum produto do que vende?
- 4- O que é cultura para você?
- 5- Qual a sua visão sobre a cultura popular na feira livre de Guarabira?
- 6- Quanto ao espaço (paisagem) da feira livre qual a sua opinião?
- 7- Comparando a feira dos tempos atuais e a do passado o que mudou em seu ponto de vista?
- 8- Você concorda que a feira é um espaço que detém manifestações culturais?
- 9- Quais manifestações?
- 10-Comparando as manifestações de épocas passadas a dos dias atuais que conclusões podemos tirar?
- 11-Qual o período de maior movimento na feira livre?
- 12-Em sua opinião, o que seria necessário para divulgar mais a cultura na feira livre?